

Elevo os meus olhos...
Uma Análise do Sl. 121
Por Sha'ul Bensiyon

I - Introdução

O entendimento da cultura do Oriente Médio antigo é fundamental para a compreensão das Escrituras. Afinal, elas foram escritas de semitas e para semitas.

Nesse contexto, destaca-se um dos salmos mais mal compreendidos: O Salmo 121

Isso ocorre porque ele está longe de ser tão somente um hino de louvor ao Eterno. Na realidade, suas palavras revelam uma grande polêmica contra o politeísmo, que ameaçava fincar raízes em Israel.

II - Os Shedim e o Panorama Geográfico

Para melhor compreender esse salmo, é preciso dar uma introdução acerca da cultura local.

Nos tempos antigos, os politeístas adoravam um tipo bastante particular de divindade: Os shedim (שדִּים), isto é, os deuses das montanhas.

Para os antigos semitas, os montes eram os lugares mais próximos das divindades, pois acreditavam que os astros eram deuses. As montanhas eram vistas como ponto de encontro entre os deuses do céu, e os homens, na terra. Até hoje, muitas pessoas mantêm o antigo hábito de orar nas montanhas, sem saber a origem dessa prática.

III - Etimologia e Prática

Etimologicamente, o termo shedim deriva de שד, que significa 'seio'. Em acádio, a linguagem semita mais primitiva, shadu significa montanha. Isto é, o "seio" da terra.

Os semitas primitivos tinham uma relação muito peculiar com as montanhas. Como são lugares onde ocorre tempestade frequente, devido à temperatura mais baixa, as montanhas eram extremamente temidas.

Ao mesmo tempo, as nascentes das montanhas eram lugares extremamente férteis, e dos quais os semitas dependiam. Um exemplo disso são as colinas de Golã, no território de Israel, responsáveis por boa parte da água potável da região.

O Midrash Rabá faz alusão a essa prática, e indica que Israel também caiu no erro da idolatria aos shedim:

"...porque Israel estava ligado à idolatria no Egito e trazia sacrifícios aos bodes-ídolos [Lv. 17:7], que são idênticos aos shedim aos quais eles sacrificavam [Dt. 32:17]... e ofereciam sacrifícios nos lugares altos e punição caía sobre eles, o Sagrado, bendito seja Ele, disse:

‘que eles ofereçam sacrifícios perante Mim a todo tempo na Tenda da Reunião e eles se separarão da idolatria e serão salvos.’” (Wayiqrá Rabá 22:8)

Outro salmo faz uma acusação ainda mais grave:

“Demais disto, sacrificaram seus filhos e suas filhas aos shedim, e derramaram sangue inocente, o sangue de seus filhos e de suas filhas que sacrificaram aos ídolos de Canaã; e a terra foi manchada com sangue.” (Tehilim/Salmos 106:37,38)

A referência aos deuses das montanhas passa despercebida porque diversas versões traduzem o termo ‘shedim’ por demônios, o que é anacrônico e equivocado.

IV - Análise do Texto do Salmo 121

Tendo isso em mente, observe como o salmo 121 evolui:

שִׁיר, לַמַּעְלוֹת
shir, lama`alot
Cântico dos degraus

Comentário: Isso indica que o salmo era um cântico utilizado pelos levitas no serviço do Templo.

אֶשָּׂא עֵינַי, אֶל-הַהָרִים-- מֵאֵן, יְבֹא עֲזָרִי
essá `ênay el-heharim me`ayin yavô `ezri
Elevo os meus olhos para os montes; de onde me virá o socorro?

Comentário: Muitos se equivocam ao achar que o salmista está se referindo ao Eterno. Todavia, quando a referência era ao Templo do Eterno, o texto bíblico costuma fazer referência ao monte do Eterno.

Porém, aqui o salmista fala dos montes em geral. Essa é uma referência inequívoca aos lugares altos, onde os filhos de Israel sacrificavam aos shedim.

O salmista, portanto, está fazendo a pergunta em tom de ironia: Será que os deuses são capazes de me salvar do perigo?

עֲזָרִי מֵעַם יְהוָה-- עֲשֵׂה שָׁמַיִם וָאָרֶץ
`ezri me`im ADONAY `ossê shamayim wa`ares
O meu socorro vem de ADONAY, Aquele que fez os céus e a terra

Comentário: Essa é uma resposta monoteísta que afirma de forma clara: O socorro só pode vir do Eterno.

O salmista ainda acrescenta a afirmação de que o Eterno fez os céus e a terra. Enquanto os deuses politeístas estavam sujeitos às forças da natureza, e pela própria mitologia politeísta eram considerados como tendo poder limitado, o Eterno era o Criador dos céus e da terra.

Em outras palavras: Nada há que não esteja sujeito ao Seu poder.

אַל-יִתֵּן לְמוֹט רַגְלְךָ; אַל-יָנוּם, שְׁמֶרְךָ; הֲיֵה לֹא-יָנוּם, וְלֹא יִישָׁן-- שׁוֹמֵר, יִשְׂרָאֵל; יְהוָה
 שְׁמֶרְךָ; יְהוָה צִלְּךָ, עַל-יַד יְמִינְךָ
*al-yiten lamôT raghlerkha; al-yanum shomrekha; hinê lo-yanum welo yishan shomer
 yisra'el; ADONAY shomrekha; ADONAY Silekha `al-yad yeminekha.
 Não deixará vacilar o teu pé; aquele que te guarda não dormitará. Eis que não dormitará
 nem dormirá aquele que guarda a Israel. ADONAY é quem te guarda; ADONAY é a tua
 sombra à tua mão direita.*

Comentário: Esse trecho fala sobre a proteção do Eterno.

Para melhor compreendê-lo, é importante compreender que os politeístas da antiguidade, por acharem que seus deuses eram seres biológicos, achavam que eles também dormiam e acordavam.

Se uma divindade falhasse, dizia-se que ela estaria dormindo. Noutros momentos, quando havia tempestades, diziam que as divindades tinham acordado.

Eliyahu haNavi (o profeta Elias) debocha justamente disso, quando confrontou os profetas de Ba' al, dizendo: “Talvez esteja dormindo, e despertará.” (1 Rs. 18:27)

O salmista, portanto, afirma a superioridade do Eterno com relação aos falsos deuses dizendo justamente que Ele não dorme. Porque o Eterno está o tempo todo alerta, Ele é o guarda perfeito em quem Israel pode depositar toda a sua confiança.

יּוֹמָם, הַשֶּׁמֶשׁ לֹא-יַכְכָּה; וַיָּרַח בְּלַיְלָה
 יְהוָה, יִשְׁמְרֶךָ מִכָּל-רָע: שְׁמֹר, אֶת-נַפְשְׁךָ
*yomam hashemesh lo-yakeka weyarêaH balayela;
 ADONAY yishmarkha mikol-ra `yishmor et-nafshekha
 O sol não te molestará de dia nem a lua de noite.
 ADONAY te guardará de todo o mal; guardará a tua alma.*

Comentário: Há dois elementos importantes neste trecho. O primeiro: Por que o salmista menciona o sol e a lua?

Entre os politeístas, o sol e a lua eram tidos como suas principais divindades. Além de serem os maiores do que os demais astros, causavam grande influência no clima local, podendo trazer tempos de fartura, ou de penúria.

Os shedim, os deuses das montanhas, eram vistos como divindades menores, e que portanto estariam sujeitos às agruras do sol e da lua, tanto quanto os seres humanos.

Aqui, o salmista afirma que nada pode sobrepujar o poder do Eterno. Ele guardará aquele que nEle confia.

O trecho que fala sobre a alma deve ser entendido pelo conceito semita de nefesh (נפש), que é vitalidade. Ou seja, o Eterno é capaz de guardar tudo aquilo que o homem necessita para ter vitalidade. Isso inclui seu sustento, sua família, entre outros. (Para maiores informações, vide nosso estudo sobre o termo nefesh).

יְהוָה, יִשְׁמַר-צִאתְךָ וּבֹאֶיךָ -- מֵעַתָּה, וְעַד-עוֹלָם

ADONAY yishmor-Setkha uvo'ekha me`atá we`ad-`olam

ADONAY guardará a tua entrada e a tua saída, desde agora e para sempre.

Comentário: O salmista aqui utiliza a expressão idiomática “entrada e saída”, que significa a todo tempo.

Isso é também relevante, porque os politeístas estavam acostumados com divindades regionais. Isso pode ser visto na história do general Na’aman, que pede para levar terra de Israel para sua cidade natal (2 Rs. 5:17).

A ideia, portanto, de que o Eterno poderia guardar alguém dentro e fora seria revolucionária, e demonstra a superioridade do Monoteísmo sobre as falsas divindades politeístas, incapazes de atuarem fora de seu território.

V - Conclusão

Não é à toa que este salmo era lido no Templo, durante a apresentação dos sacrifícios, especialmente em dias festivos, quando o povo estaria reunido.

Ao contrário do que pode parecer, este salmo não faz apologia aos montes como locais sagrados. Muito pelo contrário, trata-se de uma forte polêmica contra os lugares altos, isto é, os cultos politeístas realizados nas montanhas.

O salmo também revela ter sido escrito em um período no qual o povo de Israel estava dividido entre o Monoteísmo e a Idolatria. Nesse contexto, o salmista faz um apelo para que o povo retornasse ao Eterno, e depositasse sobre Ele a sua confiança.

VI - Aplicação Prática

É sempre importante buscar uma aplicação prática a partir do entendimento das Escrituras, para que haja evolução da espiritualidade.

No caso particular do Sl. 121, o texto nos ensina a tomarmos cuidado com a credence em superstições que, mesmo sendo de menor importância, podem tomar o lugar da confiança no Criador.

Ironicamente, há muitos que tratam os salmos assim: Como se fossem uma espécie de encantamento que tem, em si, o poder de proteger ou abençoar.

Muitos não percebem, mas a idolatria a objetos e elementos do culto ao Eterno não deixa de ser idolatria.

Nada há, seja na liturgia ou nas próprias Escrituras, que tenha poder em si próprio, e que deva portanto ser objeto de simpatia ou, como se diz no hebraico, segulá.

Sejamos como o salmista, que afirma: O meu socorro vem do Eterno, que fez os céus e a terra.